

PELA BUSCA DA SALVAÇÃO: A RELIGIOSIDADE CRISTÃ EM PRÁTICAS E GESTOS

MARIANA RIBEIRO BIANCO

1 Introdução

A busca pela salvação configura-se como elemento primordial da trajetória dos cristãos na Idade Média. Para tanto, procurou-se resgatar e seguir preceitos bíblicos que indicavam o que fazer ao longo desta caminhada rumo ao Reino dos Céus. Entre o final do século XI e o século XIII, esta busca torna-se notável em diversos âmbitos: a Igreja e seu projeto reformador, o laicado e o desabrochar de tendências contra a ortodoxia eclesiástica, os fiéis e a exteriorização de sua religiosidade. Apesar de um objetivo final em comum, o momento é de conflitos no que concerne justamente à retomada das raízes do cristianismo e a fundamentação da fé e da procura pela salvação nas mesmas. Ainda, há uma intensificação nos gestos, no fazer: a salvação se daria pelos atos. Atentaremos, nesse sentido, à intensificação da prática da peregrinação e o despertar de uma caridade evangélica que se desenvolveu no caminho compostelano, frutos de uma religiosidade que se compõe cada vez mais ligada às ações, a práticas que colocavam os fiéis em contato com o sobrenatural.

2 Busca das raízes cristãs: a memória dos textos bíblicos

O período medieval, no qual se deu a consolidação da Cristandade, foi marcado pela relação de seus homens com o resgate da memória. Ainda que, na Antiguidade, esta tivesse aspectos religiosos, o cristianismo judaico se viu intimamente ligado não só aos acontecimentos passados, que traçaram os pontos indispensáveis de sua fé, encontrados tanto no Antigo como no Novo Testamento, mas também à recordação destes.

E isto em diferentes aspectos: porque atos divinos de salvação situados no passado formam o conteúdo da fé e o objeto do culto, mas também porque o livro sagrado, por um lado, a tradição histórica, por outro, insistem, em alguns aspectos essenciais, na necessidade da lembrança como tarefa religiosa fundamental (LE GOFF, 1992: p. 443).

A partir desta consideração, torna-se perceptível que o período entre a Idade Média Central e a Baixa Idade Média foi composto por uma série de conflitos, no que concerne aos dogmas da Igreja, entre a instituição religiosa e o laicado. Estas movimentações foram travadas no intuito do encontro da salvação através da memória cristã e do resgate dos valores apostólicos que a fundaram. Acabaram por gerar movimentos tidos como heréticos ao mesmo tempo em que forneceram subsídios para o fortalecimento da busca da religiosidade de forma cada vez mais exteriorizada, baseada em signos.

A Reforma Eclesiástica – ou as reformas, visto que houve divergências nos projetos de reforma dos monastérios – que teve seu desenrolar nos séculos XI e XII, revela-se um processo de diferentes etapas, que, na verdade, não são exatamente separadas entre si¹. Tem em seus pontos principais desde a intenção inicial da Igreja de uma reforma clerical que se referisse a questões como a simonia e o celibato, passando pelo fortalecimento do poder do bispo de Roma, até a ênfase nos monges e na preocupação com a natureza da vida religiosa.

No entanto, temos, por um lado, a tentativa de retomada de valores cristãos primitivos e de pregação de uma reforma pessoal na vida de cada fiel, e, por outro, questões mal resolvidas no que concerne à posse de bens e uma separação entre clero e população. As reformas, embora contivessem em seus projetos o fundamento de retorno aos princípios evangélicos, conduziram a uma reafirmação da autoridade sagrada, o que acabou por gerar benefícios aos clérigos, colocando os laicos à margem da Igreja – e aos negócios dela -, subordinados, em um momento em que as massas estavam saindo da passividade. A Igreja ao mesmo tempo em que mantém uma caridade para com os necessitados, cobra diversas taxas e cresce em riquezas. Conseqüentemente, torna-se difícil reivindicar seu papel de verdadeiros cristãos em busca de uma simplicidade evangélica.

Como resultado, desencadeia-se uma série de movimentos originados pela insatisfação para com a instituição; uma crítica a esta, que apontava seus desvios em relação à verdadeira religião fundada por Cristo. A população laica tenta retornar às raízes do cristianismo, buscando o ascetismo e a pobreza evangélica. Assim, temos por

¹ Para um estudo mais aprofundado das estruturas da Reforma monástica dos séculos XI e XII, ver: CONSTABLE, G. The reformation of the twelfth century. Cambridge University Press, 1996.

um dos objetivos desta apresentação discorrer acerca desta dicotomia: ao mesmo tempo em que a Igreja tem o intuito de projetar-se como representante fiel dos textos bíblicos, a mesma abre um espaço para movimentações que vão contra os resultados de seus projetos reformadores, muitas delas que viriam a se tornar heresias.

3 A heresia: rompimento com a ortodoxia da Igreja

A heresia passa a ser aquela que nega os ensinamentos pela Igreja romana, vai contra sua ortodoxia. Como é ressaltado por Gordon Leff², a heresia não existe por si só. Para haver uma heterodoxia que possa vir se tornar uma heresia deve existir uma ortodoxia, um conjunto de crenças para serem violadas e uma autoridade reconhecida que o faça ser cumprido. Entende-se por heterodoxia, que pode ser condenada como heresia, tanto o dar um novo significado para conceitos já existentes, caso dos franciscanos, como formar novos conceitos desviados das normas já estabelecidas. Por conseguinte, rompe com a forma de vida social e religiosa devido a um ajustamento ao momento que exige novas formas de relacionamento à sociedade e a religiosidade, para que haja uma re-harmonização desses fatores no futuro³.

Um ponto a ser observado, de bastante importância na expansão das heresias, foi justamente o contexto de renascimento urbano e comercial. Pode-se considerar que, para haver uma pobreza voluntária, elemento encontrado em diversas propostas heterodoxas contidas em uma tendência de aproximação da pobreza evangélica, era necessária a desvinculação dos laços senhoriais e uma economia que pudesse prover as esmolas através dos burgueses. Era um momento em que se despertava a atenção para os pobres, devido, justamente, a sua aglomeração no meio urbano. Práticas caritativas, como refletiremos adiante, foram fundamentais no sustento desta parte da população,

² O autor possui um interessante estudo sobre as heresias medievais: *Heresy in the Later Middle Ages: The Relation of Heterodoxy to Dissent c.1250 - c.1450*. 2v. Manchester: Manchester University Press; New York: Barnes & Nobles, 1967.

³ Tal caracterização dos contextos que levam a um rearranjo das formas de religiosidade neste momento pode ser encontrada em THOUZELLIER, C. *Tradition et résurgence dans l'hérésie médiévale*. In : LE GOFF, Jacques (org.) - *Hérésies et Sociétés dans l'Europe pré-industrielle (11^e-18^e siècles)*. Paris: Mouton & CO, 1968 (Communications et débats du Colloque de Royaumont présentés par J. Le Goff) (École Pratique des Hautes Études - Sorbonne - VI^e Section: Sciences Économiques et Sociales - Centre de Recherches Historiques) (Civilisations et Sociétés - 10)

que muitas vezes juntava-se a grupos heréticos para obtenção de seu sustento.⁴ Ainda, as cidades proporcionaram o desenvolvimento de confrarias, corporações; enfim, diversas formas de agrupamento que evidenciaram uma nova dinâmica na sociedade medieval. É notável que esse fato também esteja relacionado estreitamente à formação de associações tidas como heréticas, o que torna a heresia um fenômeno urbano e quase sem ligação com o campo.

Dado que a instituição eclesiástica era não só a organização religiosa, mas também social naquele período, pode-se pensar esses movimentos tidos como heréticos como uma forma de resistência ao poder dominador sacerdotal. Revolta, protesto, aspectos políticos e morais. Segundo Leff, a heresia, que é constituída por estes ou pelo menos por alguns destes aspectos, significava uma alternativa à perspectiva já existente. O autor ressalta ainda que há implicações sociais e políticas na formação da heresia, ou na condenação de uma heterodoxia, quando ela é tida como herética⁵. Isso é perceptível nos exemplos dos franciscanos e dos Valdenses: embora com doutrinas similares eles obtêm diferentes papéis na sociedade. Enquanto os franciscanos encontram presença no seio da Igreja e até um papel na luta contra as heresias, os valdenses acabam banidos.

Outra consideração que julgamos necessária para este trabalho é ater-nos à relação entre a devoção popular e a heresia. Embora ambas venham de um não conformismo, é necessário diferenciá-las. A devoção popular de um período vai indicar se a consciência popular pode ter uma afinidade com a heresia. Dessa forma, sim, a devoção popular pode, mediante a intensificação de seus elementos, desencadear paulatinamente uma heresia, mas este processo encontrar-se-ia relacionado a diversos fatores, tanto internos ao movimento, quanto externos, como já mencionado a respeito dos aspectos sociais em que o processo se desenvolve. O que ocorre nesse momento é uma intensificação da piedade laica, entendendo esta por “busca de vida evangélica fora dos quadros monásticos tradicionais” (TACCONI, 1998: p. 17), e justamente a

⁴ Não cabe, nesta comunicação, expandirmos a reflexão que concerne ao desenvolvimento das cidades e sua relação com a formação de heresias, apenas julgamos preponderante situar o acontecimento em questão. No que se refere ao estudo dos pobres na Idade Média ver: MOLLAT, M. Os Pobres na Idade Média. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.

⁵ Ver LEFF, Gordon. Prologue. In: *Heresy in the Later Middle Ages: The Relation of Heterodoxy to Dissent c.1250 - c.1450*. 2v. Manchester: Manchester University Press; New York: Barnes & Nobles, 1967.

desagregação dos laços senhoriais e do sistema feudal, permitira o desenvolvimento de uma religiosidade popular.

4 A religião do fazer: a salvação vinculada às ações

Ao mencionarmos os movimentos heréticos condenados pela instituição eclesiástica, notamos os desvios no que concerne aos ensinamentos e padrões da Igreja. No entanto, este trabalho pretende observar, em um segundo momento, e como principal objetivo, outros aspectos da religiosidade que se encontra em transformação no período composto pelos séculos XII e XIII. Aspectos estes não necessariamente condenados pela instituição eclesiástica, ou até incentivados por ela, e que foram fundamentais para a constituição da espiritualidade, sendo, por conseguinte consequência da busca da salvação pelos valores típicos de Cristo e seus apóstolos, através dos escritos bíblicos.

É possível notar uma religiosidade popular que está estritamente ligada ao fazer. Em sua base não é encontrado um aparato teológico, ela se fundamenta em práticas e gestos. São estes que colocavam os cristãos em contato com o mundo sobrenatural. Dentre estes gestos, as obras de caridade são constantes em busca da obtenção da salvação. E a necessidade de signos, tais como as peregrinações são essenciais em uma religiosidade que é muito mais exteriorizada, que tem a necessidade do ver e do fazer - ao mesmo tempo em que pode ser notada uma interiorização da espiritualidade. Os cristãos passam a tê-la de uma forma mais pessoal, individualizada, através das práticas para obter essa salvação.

(...) religião que tem a necessidade de signos e que, portanto, é essencialmente exterior; que tem necessidade, por exemplo, de ver. Religião que guarda o gosto pelo maravilhoso, até mesmo pelo fantástico, que permanece na perpétua espera do milagre, de tal maneira que esse acaba por parecer natural, perdendo sua transcendência e sua significação (DELARUELLE, 1968: p.147).

Sobre ritos desenvolvidos nessa religiosidade, André Vauchez destaca as manifestações de forte conteúdo emocional: “O que ocupava o primeiro lugar na piedade dos fieis era sem dúvida a peregrinação” (VAUCHEZ, 1988: p. 161). Símbolo religioso de diversas culturas, as peregrinações a lugares santos consistiram em um dos

principais tipos de deslocamentos na Idade Média, e atingiram nesse período de redescoberta da vida apostólica seu auge. Além do mais, a expansão do comércio e da vida urbana intensificou a circulação de pessoas e instalações nas estradas que compunham os caminhos até estes locais.

Jerusalém, Roma e Compostela, além outros diversos santuários menores tornaram-se rotas freqüentes na busca de graças e milagres⁶. Elas também representavam, em decorrência das dificuldades, do afastamento do cotidiano e dos perigos, uma aproximação ao sofrimento do Calvário, elemento presente na interiorização da religiosidade. Dessa forma, torna-se perceptível a referência das raízes cristãs para que dessem sentido a esse signo dessa religiosidade, cujo resgate da memória bíblica significava aproximar-se do reino de Deus. O fato de estar no exílio inseria o peregrino nos caminhos também da salvação. “O povo cristão, em conjunto, está em exílio na terra, caminhando rumo ao reino de Cristo, rumo a Jerusalém celeste” (SIGAL, s/d: p.6).⁷

A noção do cristão como alguém que permanece em peregrinação nesta vida, por ser um forasteiro no mundo, advinda dos escritos paulinos, também encontra respaldo nas bases do franciscanismo. Em sua *Regra Bulada*, São Francisco a utiliza ao fundamentar uma proibição de posse. Uma vez que somos peregrinos, não pertencentes a este mundo, ao adquirir bens, ficaríamos preocupados com estes, perdendo a essência da peregrinação. E, assim, num primeiro momento do movimento, os frades saíam em pregação e conseguiam pouso onde fosse oportuno.⁸

Cabe lembrar que, ao defender a não-propriedade, Francisco não a caracterizou juridicamente, sem uma maior reflexão que permitisse distinguir uso de propriedade; apenas alguns pensamentos, como o exemplo encontrado na *Vita prima* de Tomás de Celano, em que o autor aponta que não era da vontade de Francisco que os frades

⁶ Não somente por devoção voluntária davam-se as peregrinações: muitos foram forçados a empreenderem estas viagens por penitência canônica ou civil; o que permite ser atribuído um sentido duplo ao peregrino: por um lado exilado por algum delito, por outro, exilado por livre-arbítrio em busca da salvação. Cf. VÁZQUEZ DE PARGA, L., LACARRA, J.M. e URÍA RÍU, J. *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela*, t.1. Madrid: C.S.I.C. – Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Escuela de Estudios Medievales, 1948, p. 155 – 167.

⁷ Traduzido por mim: “Le peuple chértien, dans son ensemble, est en exil sur La terre, en marche vers le royaume du Christ, vers la Jérusalem céleste.”

⁸ Segundo o “Dicionário Franciscano”, essa situação se modificou ainda no franciscanismo primitivo, quando houve a necessidade de terem locais próprios para exercerem as atividades rotineiras da Ordem.

utilizassem alguma habitação sem que estivesse claro quem era o dono do local.⁹A ajuda no suprimento das necessidades de frades que saíam em pregação e aos fieis peregrinos cabia, então, à população. Dentro de suas possibilidades, os fieis tinham a obrigação de praticar a caridade para com os pobres¹⁰, de acordo com os escritos bíblicos (Mateus, 25, 31-46).

Uma vez que a prática caritativa evangélica encontra-se em uma posição de destaque dentre os atos a serem realizados em prol de encontrar a salvação, as rotas de peregrinação tornam-se um local ideal para sua aplicação. Não necessariamente todos os peregrinos eram pobres, contudo, eram estrangeiros que passavam por provações e perigos, o que requeria uma hospitalidade para com eles. Para preponderarmos sobre este aspecto, utilizaremos o caso de Santiago e uma das principais fontes acerca da peregrinação compostelana do século XII: o Guia do Peregrino.

O quinto livro do *Liber Sancti Jacobi*¹¹, coletânea que traz desde a narrativa da *Translatio* do corpo do santo e seus milagres, a cânticos e liturgias e dados práticos ao peregrino, recebeu essa designação justamente por conter informações que auxiliassem os peregrinos em sua caminhada. Instruções acerca das distâncias, dos burgos a serem atravessados, das principais rotas são encontradas no livro, que traz, ainda, a questão da caridade cristã em trechos fundamentais para refletirmos neste trabalho sobre como se deu a preocupação com a assistência aos peregrinos, consequência da caridade cristã.

“Fala também da distribuição das oferendas e a hospitalidade que deve dar-se aos peregrinos pobres, [...] de como devem ser recebidos os peregrinos de Santiago, narrando três exemplos, em que deixa claro o perigo de faltar para com eles os deveres da caridade cristã.” (VÁZQUEZ DE PARGA, LACARRA e URÍA RÍU, 1948: 209 – 210).¹² Os exemplos aos quais Vázquez de Parga se refere são histórias colocadas na

⁹ Cf. HARDICK, L. Pobreza, pobre. In: Dicionário Franciscano. Petrópolis: Vozes, 1993.

¹⁰ Entende-se por pobre, aquele que no momento estava desprovido de bens.

¹¹ O códice composto por cinco livros é atribuído ao Papa Calixto II. Acredita-se, no entanto, que a feitura da obra seja variada, de várias procedências; sendo que provavelmente muitos dos textos podem ter sido de responsabilidade de Aymeric Picaud. Cabe aqui uma exposição breve dos conteúdos dos demais livros do *Codex Calixtinus*: a primeira parte tem caráter litúrgico, composta por sermões, homilias, composições de cantos; a segunda é composta pelos 22 milagres atribuídos ao apóstolo Tiago; a terceira narra o episódio da *Translatio* do corpo de São Tiago; por fim, a quarta parte é o chamado Pseudo-Turpin, narrativa composta por lendas do período carolíngio, acerca da libertação da Hispania, do caminho de Santiago e do sepulcro do santo por Carlos Magno.

¹² Traduzido por mim: “Habla también de la distribución de las ofrendas y la hospitalidad que debe darse a los peregrinos pobres, [...] de cómo han de ser recibidos los peregrinos de Santiago, narrando tres

obra com o intuito de encorajar a caridade, mesmo que por medo de ser punido ao negar socorro a um peregrino. Um caso mencionado foi o de casas que, após os proprietários negarem o pedido de um peregrino, teriam entrado em chamas, com exceção ao único lugar que o abrigara.¹³

Ao mesmo tempo em que o documento possibilita atentarmos ao estímulo à caridade e à assistência dos caminhantes, ele também fornece dados sobre hospitais já instalados nas rotas e que estariam prontos a atendê-los. Cabe frisar que os hospitais tinham suas instalações em locais onde a parada acabava por ser obrigatória, como aos pés de montanhas e nas cidades. E o Guia chama a atenção para isso também, descrevendo os povos que se encontraria pelo trajeto e atentando para seus traços que mais poderiam ser úteis aos viajantes.

[...] se encontra a terra dos poitevinos, produtiva, ótima e cheia de toda felicidade. Os poitevinos são gente forte e guerreira, muito hábeis na guerra com arcos, flechas e lanças, confiados na batalha, rapidísimos nas corridas, cuidados em seu vestir, distintos em suas facções, astutos em suas palavras, muito dadivosos em seus favores e pródigos com os hóspedes¹⁴ (LIBER SANCTI JACOBI – Codex Calixtinus, p. 514).

Assim, uma hospitalidade foi se compondo, inicialmente tendo origem nos mosteiros, cujas suas raízes estão na caridade tipicamente cristã, citada e encorajada nos textos bíblicos, aspecto fundamental da religiosidade popular que se formava. Como destaca o autor Francisco Singul, “a carinhosa e proverbial hospitalidade do Caminho de Santiago [...] é um dos aspectos fundamentais que sustentaram o fenômeno da peregrinação jacobéia. A hospitalidade é entendida como um fato essencial da piedade evangélica e da religiosidade cristã” (SINGUL, s/d: p. 83-84). Este autor coloca que os bons cristãos, tanto mais pobres como poderosos, viam na assistência aos peregrinos uma prática importante inserida no princípio caritativo. Os caminhos a Compostela tornaram-se um bom local para praticá-la, uma vez que o sentimento de acolhimento

ejemplos, en los que patentiza el peligro de faltar para con ellos a los deberes de la caridad cristiana.”

¹³ LIBER SANCTI JACOBI – Codex Calixtinus. Tradução e notas de A. Moralejo, C. Torres, J. Feo. Reedição preparada por X. Carro Otero. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1998.

¹⁴ Traduzido por mim: “[...] se encuentra la tierra de los poitevinos, productiva, óptima, y llena de toda felicidad. Los poitevinos son gente fuerte e guerrera, muy hábiles en la guerra con arcos, flechas e lanzas, confiados en la batalla, rapidísimos en las carreras, cuidados en su vestido, distinguidos en sus facciones, astutos en sus palabras, muy dadivosos en sus mercedes, pródigos con sus huéspedes.”

destes caminhantes de Deus dava-se, inclusive, por verem nos peregrinos a imagem do próprio Cristo.

As fundações das estruturas assistenciais partiram de diversas origens: episcopais, reais, nobiliárias, de ordens militares e religiosas, etc. Foram criadas ordens hospitalares, com intuito primordial de atender às necessidades dos peregrinos. A rede hospitalar do caminho teve sua gênese nos mosteiros, fato que se entende a partir da Regra de São Bento, sobre como os monges devem hospedar aqueles que o necessitam, e da organização e administração de Cluny. Apesar da predominância desta, os cistercienses e franciscanos também exerceram papel importante na elaboração destas instituições, principalmente nos séculos XII e XIII. Ordens de cavaleiros também se situaram pelo caminho, prestando auxílio e provendo leito e alimentação aos peregrinos.

5 Considerações finais

Podemos notar que os projetos das reformas eclesásticas dos séculos XI e XII tiveram um papel importante na expansão da piedade laica uma vez que não conseguiram atingir um ideal de vida apostólica e ofereceram excessivos benefícios aos clérigos. Como resultado, uma série de heterodoxias se formou nos meios urbanos, heterodoxias que compuseram os movimentos heréticos que a Igreja viria a combater. Temos nestes a busca de valores evangélicos, como a pobreza, em contraposição a uma instituição que os teria perdido diante do crescimento de sua riqueza.

Há o desenvolvimento de uma religiosidade popular mais exteriorizada e ligada ao ver e ao fazer. Neste sentido, as peregrinações foram um dos principais símbolos dos movimentos populares do período, pois proporcionavam a busca de graças e milagres para aqueles que saíam em caminhada e enfrentavam os perigos do trajeto, além de oferecerem àqueles que se encontravam instalados no caminho condições ideais para as práticas caritativas incentivadas biblicamente, como observamos no exemplo de Santiago de Compostela. Consideramos, por conseguinte, neste trabalho, esses dois traços da religiosidade popular do período, refletindo sobre sua inserção no contexto da busca pela salvação apoiada no resgate da memória de valores tipicamente cristãos.

6 Referências bibliográficas e fontes

- BASCHET, J. **A Civilização Feudal**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006.
- CONSTABLE, G. **The reformation of the twelfth century**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- FALBEL, Nachman. As heresias dos séculos XII e XIII. **Revista de História**, USP, n.78, p.325-352, jun., 1969.
- FRANCO JÚNIOR, H. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- _____. **Peregrinos monges e guerreiros: feudo-clericalismo e religiosidade em Castela Medieval**. São Paulo: Hucitec, 1990.
- GARCÍA DE CORTÁZAR, J.A. **Los viajeros medievales**. Madrid: Santillana, 1996.
- HARDICK, L. Pobreza, pobre. In: **Dicionário Franciscano**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- LEFF, Gordon. **Heresy in the Later Middle Ages: The Relation of Heterodoxy to Dissent c.1250 - c.1450**. 2v. Manchester: Manchester University Press; New York: Barnes & Nobles, 1967.
- LE GOFF, Jacques (org.) - **Hérésies et Sociétés dans l'Europe pré-industrielle (11^e-18^e siècles)**. Paris: Mouton & CO, 1968 (Communications et débats du Colloque de Royaumont présentés par J. Le Goff) (École Pratique des Hautes Études - Sorbonne -VI^e Section: Sciences Économiques et Sociales - Centre de Recherches Historiques) (Civilisations et Sociétés - 10)
- LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente Medieval**. 2v. Lisboa: Estampa, 1984.
- _____. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.
- LIBER SANCTI JACOBI – Codex Calixtinus**. Tradução e notas de A. Moralejo, C. Torres, J. Feo. Reedição preparada por X. Carro Otero. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1998.
- MOLLAT, M. **Os Pobres na Idade Média**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- RUCQUOI, A. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- SIGAL, P.A. **Les marcheurs de Dieu. Pèlerinages et pèlerins au Moyen Age**.
- SINGUL, F. **O Caminho de Santiago. A Peregrinação Ocidental na Idade Média**. Rio de Janeiro : EdUERJ, s/d .
- SOT, M. Peregrinação. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (ed.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo/Edusc, 2002, v.2, p. 353-366.

SWANSON, R.N. **Religion and Devotion in Europe: c.1215- c.1515**. Cambridge: Cambridge Medieval Textbooks, 1995.

TACCONI, A. P. T. M. **Nascimento de uma heresia**. In: A Questão Espiritual nos Beguinos da Provença. 1998 (Dissertação de Mestrado em História). – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

VAUCHEZ, A. **A espiritualidade na Idade Média Ocidental**. Lisboa: Edições 70, 1988.

VÁZQUEZ DE PARGA, L., LACARRA, J.M. e URÍA RÍU, J. **Las peregrinaciones a Santiago de Compostela, 3 tomos**. Madrid: C.S.I.C. – Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Escuela de Estudios Medievales, 1948 – 1949.